

ENTRE O REAL E O IMAGINÁRIO: O TESTEMUNHO DE PRIMO LEVI EM “É ISTO UM HOMEM?”

Paulo Ricardo do Prado¹
Maria Cleci Venturini²

[...] é impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido de condições de produção [...] (PÊCHEUX, [1969] 2019, p. 35)

Resumo: Filiados à Análise de Discurso, teoria que ancora e sustenta nossas tomadas de posição, mobilizamos conceitos de Pêcheux ([1975] 2014), Orlandi (2015) e Venturini (2009), para o trabalho discursivo do sujeito, o funcionamento da memória e o discurso que sustenta o ‘ser homem’. O objeto de análise é a obra *É isto um homem?*, de Primo Levi ([1947] 1988), e, a partir desse objeto buscamos o efeito de realidade produzido pelo discurso, que transita entre o real e o imaginário, instaurando efeitos de sentido de que o acontecido se contrapõe ao imaginário. Levi, sobrevivente do Holocausto, presenciou e vivenciou o genocídio e o seu texto se constitui pelo olhar de testemunha, inscrita na formação discursiva dos judeus. A obra apresenta uma ‘versão’ do Holocausto vivenciada por um prisioneiro/sobrevivente em campos de concentração. Levi, a partir de um presente, ‘julga’ que o vivido deve contribuir para “um estudo mais sereno de alguns aspectos da alma humana” (LEVI, [1947] 1988, p. 4).

Palavras-chave: Discurso. Holocausto. Memória. Testemunho. Imaginário.

PRIMO LEVI’S TESTIMONY IN *IS THIS A MAN?*: THE DISCOURSE BETWEEN THE REAL AND THE IMAGINARY

Abstract: Affiliated to Discourse Analysis, theory that anchors and sustains the analysis, we mobilize concepts of Pêcheux ([1975] 2014), Orlandi (2015) and Venturini (2009), for the subject’s discursive work, the functioning of memory and the discourse that sustains ‘being a man’. The object of analysis is the work *Is this a man?*, by Primo Levi ([1947] 1988), and, from this object, we seek the effect of reality produced by the discourse, which transits between the real

1 Mestrando (em Letras no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná - UFPR. E-mail: pauloprado2606@gmail.com)

2 Doutorado em Letras, Estudos Linguísticos e docente dos Programas de Pós-graduação da UNICENTRO E UFPR. E-mail: mariacleciventurini@gmail.com

and the imaginary, establishing effects of meaning that the happened is opposed to the imaginary. Levi, a Holocaust survivor, witnessed and experienced the genocide, and his text is constituted by the look of a witness, inscribed in the discursive formation of the Jews. The work presents a 'version' of the Holocaust experienced by a prisoner/survivor in concentration camps. Levi from a present 'judges' that the experience should contribute to "a more serene study of some aspects of the human soul" (LEVI, [1947] 1988, p. 4).

Keywords: Discourse. Holocaust. Memory. Testimony. Imaginary.

Introdução

A epígrafe recortada para dar início a esse texto dá visibilidade a discursos que vão além do texto *É isto um homem?* de Primo Levi ([1947] 1988), e vem ao encontro de uma pesquisa maior sobre museus e mais especificamente sobre o Holocausto. Desse modo, deixamos marcado o nosso compromisso com estudos referentes ao acontecimento mais trágico do século XX e que retomamos com vistas a destacar uma prática de impedimento da igualdade, do respeito e da humanidade. Entendemos que esse texto de Levi é um dos testemunhos do acontecimento que culminou em mortes de judeus e de outros grupos perseguidos pelo nazismo.

O discurso testemunhal, imaginariamente constituído por um sujeito que diz 'eu', instaura efeitos de verdade, que se estabelecem pelas condições de produção que comportam as relações históricas da ordem do vivido em que o sujeito-autor, como testemunha, reconstitui com o seu dizer o passado e ao mesmo tempo o inscreve no presente, pensando no que faz com que 'um homem' seja um homem, conforme obra de Primo Levi, nosso objeto discursivo, neste texto. O 'vivido' dá visibilidade à impossibilidade de captar o real pela linguagem e de "nada ser sem ela" (VENTURINI, 2009, p. 122).

Conforme já referido, o objeto discursivo sobre o qual nos debruçamos é a obra *É isto um homem?*, de Primo Levi ([1947] 1988) em que o sujeito-autor assume a posição discursiva de testemunho e avalia como positivo ter sido deportado para Auschwitz, só em 1944, quando já havia escassez de mão de obra, do que a temporária suspensão de execuções de judeus, além de

uma sensível melhora nas condições de vida. As análises filiam-se aos aportes teóricos da Análise de Discurso (AD) e as nossas tomadas de posição, como analistas de discurso, embasam-se em Pêcheux ([1975] 2014), Orlandi (2015) e Venturini (2009); e, também, em obras e estudos que abordam a temática do Holocausto, de autores como Robin (2016), Agamben (2008), Reiss (2018) e Krümmel (2019).

Tendo em conta os pressupostos deste campo disciplinar, analisamos os possíveis efeitos de sentido constitutivos do discurso, a partir de sujeitos, interpelados pela ideologia e atravessados pelo inconsciente. Nesse funcionamento, as noções a serem mobilizadas serão aquelas demandadas pelo corpus, sem prescindir do sujeito e da ideologia. Pêcheux ([1975] 2014) assevera, a partir de Althusser (1970), que não há discurso sem sujeito e nem sujeito sem ideologia, de modo que sempre há, um sujeito, que se desdobra em sujeito da enunciação, que responde pelo dizer e o Sujeito do Saber, ou sujeito com "S", maiúsculo, o do interdiscurso, ainda conforme Pêcheux ([1975] 2014).

Sobre a Análise de Discurso: mobilizando conceitos e implicações metodológicas

Na verdade, não estamos tratando de uma metáfora simples que se explica pela descrição do objeto material "pêndulo", porque temos que entender também as especificidades desse movimento e porque ele é tão significativo quando se trata de analisar o discurso, desconstruir conceitos e produzir deslocamentos de sentidos. É preciso pensar na Análise de Discurso como uma disciplina que está em constante reconfiguração,

construindo e desconstruindo o seu dispositivo experimental [...]. (PETRI, 2013, p. 41).

2015, p. 67).

Trazemos a metáfora do pêndulo, mobilizada por Petri (2013), para falarmos um pouco da Análise de Discurso como disciplina que possibilita visitar objetos de outros domínios e está em constante transformação, trazendo o novo, reformulando e mantendo conceitos canônicos. Trata-se de uma disciplina interpretativa e de entremeio, funcionando entre saberes. É importante, entretanto, compreender a partir de Orlandi (2015, p. 13), que ela não se submete a nenhuma dessas disciplinas, pois busca “compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”.

Nesses encaminhamentos, Orlandi (2015, p. 13) destaca que “há muitas maneiras de se estudar a linguagem” e uma maneira particular deu origem à AD. Como o próprio nome indica, esta teoria “trata do discurso”, tendo, etimologicamente, a ideia “de curso, de percurso, de correr por, de movimento”, da palavra em movimento, da linguagem em movimento, a análise é feita através da observação do homem falando. A AD concebe a linguagem “como mediação entre o homem e a realidade natural e social” (ORLANDI, 2015, p. 13). O discurso, a mediação que torna possível a permanência, a continuidade e a transformação do homem e de sua realidade. Como a Análise de Discurso é uma disciplina de entremeio, na qual o sentido não existe em sentido literal, dependendo das filiações do sujeito em formações discursivas.

Se o texto é unidade de análise, só pode sê-lo porque representa uma contrapartida à unidade teórica, o discurso, definido como feito de sentidos entre os locutores. O texto é texto porque significa. Então, para a análise de discurso, o que interessa não é a organização linguística do texto, mas como o texto organiza a relação da língua com a história no trabalho significante do sujeito em sua relação com o mundo. É dessa natureza sua unidade: linguístico-histórica (ORLANDI,

Pensando no texto e no modo como ele se encaminha para discursos, organizamos o arquivo, o corpus por meio de gestos de leitura em torno da “materialidade da língua na discursividade do arquivo” (PÊCHEUX, 1994, p. 10) e os efeitos de sentido em relação ao discurso, como “efeitos de sentido” entre A e B (PÊCHEUX, [1969] 2019, p. 39), estabelecendo relações com a História, pensada não a partir de datas e números, mas, com base nos acontecimentos e nos efeitos de sentido que eles constituem.

Diante da nossa filiação e dos encaminhamentos dados para este texto, é importante tratar das condições de produção que

[...] representam uma exterioridade que sustenta o dizer, de forma que as relações de sentido vão sendo construídas a cada tomada de palavra, quando a antecipação imaginária do sentido ao sujeito permite que o discurso se produza, pondo a ver as relações de forças em jogo no funcionamento da linguagem, responsáveis pela reprodução e transformação do sentido. Ademais, as condições de produção fortalecem o liame entre a língua e a história, fundamentos do processo discursivo, trazendo as circunstâncias da enunciação (contexto imediato), a historicidade dos sentidos (LEANDRO-FERREIRA, 2020, p. 50).

Em relação às condições de produção consideramos aqui o contexto sócio-histórico no qual o discurso foi produzido, o período pós-guerra e pós perseguição nazista aos judeus. Não se pode desvincular as condições de produção do funcionamento da ideologia, tendo em vista que o sujeito é interpelado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente e, é pela sua filiação ideológica que se inscreve em uma formação discursiva (FD), podendo ocupar, dentro da FD, mais de uma posição-sujeito, conforme Pêcheux ([1975] 2014).

Na Análise de Discurso, não se prioriza os conteúdos, mas os efeitos de sentido, o modo

como um texto instaura efeitos de sentidos. De acordo com Pêcheux ([1975] 2014, p. 146-147), o sentido não existe em sua literalidade, em si mesmo. Ele é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual essas palavras, ou expressões são produzidas. Chegamos, dessa forma, à formação discursiva, isto é, com relação ao modo como são mobilizadas, de acordo com as posições sustentadas por aqueles que as empregam.

Diante disso, é importante destacar que as formações discursivas “representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes (PÊCHEUX, [1975] 2014, p. 147).

[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pela luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.). Isso equivale a afirmar que as palavras, expressões, proposições etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas: [...] ao ponto específico da materialidade do discurso e do sentido, diremos que os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes.

Aprofundando as questões acerca do discurso entre significantes, trazemos Venturini (2009, p. 122), que por sua vez ancora-se em Lacan em relação a conceitos como o real, o simbólico, e o imaginário. Dito isso, o real define-se como sendo a parte dos sujeitos que acaba escapando à análise e constituindo os limites da experiência do ser humano, sendo a base da estrutura do sujeito. O simbólico, por sua vez, entra em relação com o real e, baseado na experiência psicanalítica e discursiva, é responsável pelas transformações do sujeito e do discurso. Por fim, a representação é possibilitada através da relação do imaginário com o simbólico.

Venturini (2009, p. 121-123) retoma a tripartição estrutural realizada por Lacan na conferência pronunciada em 1953. Essa tripartição diz respeito à reunião dos três registros (ou três instâncias) ou, também chamada de “nó borromeano” pela psicanálise, formado por três anéis – simbólico, imaginário e real. O imaginário, como o terceiro dos elementos que constituem os três elementos do nó borromeano, relaciona-se ao mesmo tempo com o real, que escapa à análise, e o simbólico, como aquilo que falta ao sujeito; mostra, dessa forma, os deslocamentos realizados e possibilita a análise a partir da representação do sujeito.

O nó borromeano determina a relação entre o sujeito discursivo e o sujeito psicanalítico (o inconsciente). O sujeito psicanalítico é descentrado, intervalar, ocorrendo entre significantes, nos intervalos (furos) entre o real, o simbólico e o imaginário. Esse furo na linguagem representa o equívoco; o furo da ideologia, a contradição; e o furo da psicanálise, o inconsciente. O real é o impossível de ser dito, de ser representado; ocorre pela ilusão do sujeito de poder dizer tudo. O real é aquilo que escapa à realidade – a qual diz respeito à montagem do simbólico e do imaginário como um efeito de realidade – não podendo ser dito nem mostrado no eixo do discurso, sendo simulado pelo sujeito como sendo da ordem do real.

As condições sócio-históricas do Holocausto e o funcionamento do testemunho

A origem da noção de testemunho é jurídica, e remete etimologicamente à voz que toma parte de um processo, em situação de impasse, e que pode contribuir para desfazer uma dúvida. Além disso, o termo testemunho se associa na tradição com a figura do mártir, o sobrevivente de uma provação (SELIGMANN-SILVA: 2003, 378). Em ambas as condições, trata-se de indicar uma fala em tensão com uma realidade conflitiva. (GINZBURG, 2008, p. 62). A epígrafe que anuncia as discussões sobre Primo Levi, o testemunho, no/ do Holocausto marca a posição-sujeito de um sobrevivente, autor de vários livros, destacando-se a obra *Se isto é um homem?* tendo em conta que

ele enuncia que não pretende fazer mais denúncia, mas colocar mais serenidade em torno dessa temática. Mesmo sinalizando o seu objetivo, Levi e os demais sobreviventes que testemunham e viveram esse acontecimento associam-se à figura do mártir, do que sofreu uma provação, conforme Ginzburg (2008).

Iniciamos esta parte trazendo a trajetória de Primo Levi como protagonista deste acontecimento trágico. Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), as ações nazistas foram responsáveis pela morte de cerca de seis milhões de judeus e, de acordo com Milgram e Rozett (2012, p. 17), o ódio antijudaico tem suas origens na cultura cristã, particularmente durante o século XIX, tomando novas formas, na medida em que era concedida a igualdade de direitos aos judeus. Além disso, entre as duas guerras mundiais, foi propagado o mito de que os judeus eram revolucionários e conspiracionistas e pertencentes a uma ‘raça’ que pretendia dominar o mundo e esse discurso se propagou pela Europa e mundo afora. A ascensão de Hitler ao poder em 1933, fez com que se intensificasse e se disseminasse o ódio antijudaico. Esse é considerado o início do Holocausto (Shoá, em hebraico).

Ainda com base nos autores acima citados (2012, p. 37), ressaltamos o fato de que os nazistas, imediatamente após assumirem o poder, estabeleceram prisões e campos de concentração para os quais seriam levadas as pessoas consideradas inimigas do regime. Esses complexos de detenção foram projetados para combater a oposição e disseminar o medo na população. Dois meses depois de Hitler ser nomeado chanceler da Alemanha, em 23 de março de 1933, foi estabelecido o primeiro campo de concentração em Dachau (localizado próximo a Munique, na Baviera) que também serviu de campo de treinamento para os guardas da SS. À medida que a Alemanha expandia e conquistava novos territórios, o sistema de campos de concentração se expandia, também para reordenar a so-

cidade europeia baseada em preceitos raciais. Conforme o sistema de campos ia aumentando, aumentava, também, os grupos sociais perseguidos e enclausurados, como testemunhas de Jeová, homossexuais, comunistas, socialistas, líderes sindicais. Todos estes, por diferentes motivos que não raciais, mas, que de alguma forma iam contra seus ideais.

O trabalho forçado era algo presente no sistema concentracionário, e tornou-se cada vez mais vital e explorado ao decorrer da guerra, principalmente no que dizia respeito à produção bélica para uso dos alemães. Devido à exaustão, fome, doenças, tortura, e a todas as condições desumanas às quais os prisioneiros eram submetidos, a morte era comum dentro dos campos. A sobrevivência nos campos era uma luta constante, até mesmo a aptidão ou domínio de determinada habilidade ou ofício era decisivo para resistir à dura rotina dos trabalhos forçados.

A Polônia foi “o epicentro do Holocausto. Os alemães construiriam em solo polonês todos os seus mais infames campos de extermínio e a Polônia sofreria uma perda de população proporcionalmente maior que qualquer outro país em guerra” (REES, 2020, p. 186). Esse dado é importante porque dá a dimensão das práticas de ódio, em que a maioria da população foi disseminada “em decorrência de uma política deliberada de inanição, deportação e assassinio” (REES, 2020, p. 186). O objetivo era destruir os judeus e, para isso, de acordo com Guterman (2020), uma das estratégias foi dar um tratamento que não era humano, animalizando-os e, com isso, impedindo que o ‘vivido’ fosse documentado e passasse para a história. Entretanto, os judeus resistiram, enterrando documentos e provas que ‘comprovam’ a existência do Holocausto.

Primo Levi é uma das testemunhas que sobreviveu e compartilhou com o mundo seu testemunho. Nascido em 1919, em Turim – Itália, formou-se pela Faculdade de Química de sua cidade antes que as leis fascistas impedissem os judeus de ter acesso às universidades.

Foi deportado para o campo de concentração de Auschwitz em 1944, voltando para a Itália após a libertação dos prisioneiros, em 1945, recomeçando seu trabalho como químico. Porém, sentia a necessidade de relatar sua experiência de sobrevivência e resistência, escreveu seu testemunho e suas memórias, também ensaios, ficção e poesia. Levi suicidou-se em 1987, aos 67 anos de idade, Agamben (2008, p. 27) conta sobre como foi encontrar com ele: “Sentindo de perto esse mal-estar, é que eu o encontrei [...]. Ele podia sentir-se culpado por ter sobrevivido, não por ter testemunhado. ‘Estou em paz comigo porque testemunhei’”.

Ele trouxe em seu testemunho do Holocausto, relatando a rotina no campo, a luta diária pela sobrevivência. Como argumenta Agamben (2008, p. 25-26): “Justificar a própria sobrevivência não é fácil, menos ainda no campo. Além disso, alguns sobreviventes preferem ficar em silêncio. [...] No entanto, para outros a única razão de viver é não permitir que a testemunha morra”. Primo Levi foi um dos sobreviventes que optou por compartilhar com o mundo as atrocidades presenciadas por ele em Auschwitz.

Desse modo, relembrar um fato ou acontecimento marcante e passá-lo adiante só é possível a partir dos sobreviventes desses trágicos acontecimentos. Os traumas se constituem como uma das dificuldades para as testemunhas que sobreviveram e, muitas vezes, o fardo e o medo de terem seus testemunhos desacreditados ou refutados faz com que prefiram manter silêncio sobre o que vivenciaram. A transmissão dessa memória, desses traumas, se dá através dos relatos e dos testemunhos sobre o vivido, sinalizando para o que os sobreviventes passaram e testemunharam.

O testemunho pode advir, também, de lugares de guarda e de lugares de memória que buscam manter vivas as memórias e dar visibilidade aos sobreviventes, segundo Reiss (2018), não para construir uma memória de dor, mas para mostrar otimismo e esperança, apesar de

ter passado por experiências de dor e de morte. O surgimento das testemunhas do Holocausto, de acordo com Robin (2016, p. 238-239), foi imediato depois da guerra, mas a legitimação dos sobreviventes data somente a partir do julgamento de Eichmann³. Quem são as testemunhas? As testemunhas são todos os que, tendo conhecido os campos da morte, tiveram a sorte de sobreviver e retornaram ao mundo dos vivos depois da guerra. Também houve, é claro, testemunhas que não tiveram a chance de sobreviver, mas deixaram documentos. Nos guetos, em todos os lugares em que isso foi possível, mesmo em condições precárias, as pessoas começaram a escrever, a testemunhar, em pleno extermínio diário.

O Holocausto foi um genocídio que culminou na morte de milhões de pessoas e, se hoje temos registro e transmitimos as informações que compõem os livros, é porque houve os que testemunharam e produziram documentos sobre as atrocidades orquestradas por Hitler. Os testemunhos de acontecimentos que marcaram a história são um legado que nos ajuda a contar e a ensinar sobre nossa história enquanto seres humanos.

Rememorar, ensinar e estudar o Holocausto é essencial. A transmissão e difusão sobre essa tragédia é mais do que necessária; a importância de nossa reflexão sobre o genocídio responsável pela morte de mais de seis milhões de judeus, a construção da memória do Holocausto e de sua importância na história, como um legado da humanidade, nos faz (re)pensar no impacto causado pelas ações do homem contra seus semelhantes.

Centramo-nos, neste texto, no genocídio realizado pelos nazistas e seus aliados nos modos como o imaginário sobre os nazistas, sobre o Holocausto e sobre os próprios judeus res-

3 Adolf Eichmann foi um nazista condenado em 1961 por seus crimes contra o povo judeu e condenado à morte. Eichmann foi um dos principais responsáveis pela deportação dos judeus europeus durante o Holocausto. Ele foi enforcado à meia-noite entre 31 de maio e 01 de junho de 1962.

soam no testemunho de Primo Levi enquanto uma testemunha. Ainda que em seus relatos Levi busque retratar o real, enquanto vivido, há, ainda, a possibilidade de o imaginário adentrar no testemunho, já que há a impossibilidade de captação do real pela linguagem, mesmo em um testemunho. Para Krümmel (2019, p. 87),

A imaginação que pode estar contida no testemunho de quem passou por um trauma pode ser, então, o fator que faz com que a história não considere mais as narrativas orais como formas de reconstruir a história, o passado, visto que muitas acusações podem ser feitas. No caso das narrativas dos sobreviventes de catástrofes, em nosso caso a do Holocausto, o testemunho faz com que as testemunhas sejam vistas como exemplares. Algo que é paradoxal, mas que faz os sobreviventes portarem verdades das quais são porta-vozes.

Com foco no discurso testemunhal de Primo Levi, enquanto sobrevivente do Holocausto, buscamos compreender como seu testemunho está presente no entre lugar, estando entre significantes, entre o real e o imaginário. Dessa forma, levando em consideração que os sentidos não são estanques, focamos em pontos específicos em relação à obra literária de Levi, identificamos como a formação discursiva se faz presente no testemunho de Primo Levi; como o imaginário de que o homem não poderia sobreviver afeta a produção do discurso.

Contribuímos, além disso, para os estudos sobre o Holocausto a partir do viés da Análise de Discurso, e, dessa forma, identificando os efeitos de sentidos que se constituem no discurso do sujeito Primo Levi e seu testemunho como um sobrevivente do Holocausto; analisamos o testemunho, como um discurso que se localiza entre significantes, entre o real e o simbólico, levando em conta o imaginário constitutivo Primo Levi como testemunha do que ocorreu no complexo de Auschwitz.

Ele foi dos muitos levados para os campos, italiano nascido em Turim, e de origem judaica. Foi detido em 13 de dezembro de 1943

pela Milícia fascista, aos 24 anos de idade. Após ser capturado e levado como pessoa suspeita por fazer parte de um grupo inexperiente em vários sentidos que pretendia tornar-se um grupo de guerrilheiros, Levi declarou sua “condição de ‘cidadão italiano de raça judia’” (LEVI, [1947] 1988, p. 12) acreditando que admitindo sua atividade política seria torturado e morto. Porém, sendo judeu, foi levado para Fóssoli, perto de Módena, na Itália. Em 1944, foi deportado para Auschwitz,

[...] depois que o governo alemão, em vista da crescente escassez de mão de obra, resolveu prolongar a vida média dos prisioneiros a serem eliminados, concedendo sensíveis melhoras em seu nível de vida suspendendo temporariamente as matanças arbitrárias. (LEVI, [1947] 1988, p. 07).

O jovem Levi, que já era químico ao ser detido, fora designado para Fóssoli, onde funcionava um campo de concentração anteriormente destinado a prisioneiros ingleses e americanos, mas passou a comportar outros prisioneiros considerados inimigos do governo fascista republicano. Ao chegar nesse campo, em janeiro de 1944, percebeu que os judeus que ali estavam enclausurados eram uns 150, poucas semanas depois passavam de 600.

Eram, em geral, famílias inteiras, detidas pelos fascistas ou pelos nazistas porque lhes faltara prudência ou porque alguém as delatara. Havia também uns poucos que se tinham apresentado espontaneamente, devido ao desespero de continuarem vivendo errantes e fugidios, ou por terem ficado sem recurso algum, ou por não quererem se separar de algum parente já detido, ou ainda, absurdamente, para ‘ficarem dentro da lei’. Havia também uma centena de militares iugoslavos, além de outros estrangeiros considerados politicamente suspeitos. (LEVI, [1947] 1988, p. 13).

Quaisquer judeus ou sujeitos de outras etnias, que não se encaixassem nos moldes que balizavam as ações violentas dos nazistas eram perseguidos, capturados e levados para os cam-

pos de concentração, não importando se eram homens, mulheres ou crianças. Após o aprisionamento, tudo era incerto, os prisioneiros seriam transportados para outro campo, porém a tortura psicológica e física já estava sendo realizada, mesmo as pessoas que se entregaram por medo e para permanecerem ao lado de seus familiares conviviam com um futuro incerto em relação ao status quo⁴.

Como a História nos mostra, corroborada pelo testemunho de Levi, assim como o de muitos outros, o transporte dos prisioneiros se dava através dos trens, trens que muitas vezes eram do tipo usado para carregar gado. Foi num desses trens que Primo Levi ([1947] 1988, p. 30) e os outros mais de 600 prisioneiros judeus foram transportados e levados para seu próximo destino, “Monowitz, perto de Auschwitz [...]. Este é um Campo de trabalho (em alemão chama-se Arbeitslager); todos os prisioneiros, uns dez mil, trabalham na instalação de uma fábrica de borracha de nome Buna; o Campo, portanto, também chama-se Buna”.

A Enciclopédia do Holocausto⁵ esclarece que Auschwitz foi criado próximo a Cracóvia, na Polônia, sendo o maior complexo de campos de prisioneiros estabelecido pelos alemães. No qual havia um campo de concentração, um de extermínio, e outro de trabalho escravo, sendo esse conjunto o complexo de Auschwitz: Auschwitz I, Auschwitz II (Birkenau) e Auschwitz III (Monowitz). Mais de um milhão morreram em Auschwitz, e nove entre cada dez vítimas eram judias. As quatro maiores câmaras de gás

daquele local comportavam, cada uma, 2.000 pessoas para serem mortas por asfixia, podendo, assim, assassinar 8.000 pessoas em um curto período.

Primo Levi relata a imagem que ressoa como memória, ao chegar em Auschwitz, “via-se um grande portão e, em cima do portão, uma frase bem iluminada (cuja lembrança ainda hoje me atormenta nos sonhos): ARBEIT MACHT FREI – o trabalho liberta” (LEVI, [1947] 1988, p. 25). O que acontecia, na realidade, era o oposto, o trabalho se tornou outra forma de dar continuidade ao genocídio, chamada pelos nazistas de “extermínio por meio do trabalho”.

Ainda de acordo com as informações da Enciclopédia, ao serem selecionadas para “trabalhar”, as vítimas poupadas do extermínio imediato eram logo de início privadas de sua identidade individual. Suas cabeças eram raspadas e um número de registro era tatuado nos seus braços esquerdos. Os homens tinham que usar um tipo de pijama, calças e casacos listrados, esfarrapados, e as mulheres usavam uniforme de trabalho. Ambos recebiam calçados de trabalho inadequados, como tamancos. A luta pela sobrevivência era diária e em condições precárias. Os prisioneiros eram alojados em barracões que não tinham janelas nem isolamento do frio ou do calor. Não havia banheiros, apenas um balde.

Cada barracão continha cerca de 36 beliches de madeira, e cinco ou seis prisioneiros eram espremidos em cada um. O número de prisioneiros alojados em um único barracão chegava a 500. A fome era constante. A comida era uma sopa aguada feita com carne e vegetais podres, alguns pedaços de pão, um pouco de margarina, chá ou uma bebida amarga que parecia café. Devido às condições precárias e desumanas, enfraquecidos pela desidratação e inanição, as doenças contagiosas eram muito comuns.

Em relação à destituição da identidade e da individualidade dos prisioneiros, destacamos no testemunho de Levi a forma como a marcação com a tatuagem ocorria: “Häftling: aprendi que sou um Häftling. Meu nome é 174.517; fomos

4 Status quo é uma expressão do latim que significa “no estado das coisas”. Trata-se de uma redução da frase in statu quo res erant ante bellum, que significa “no estado em que as coisas se encontravam antes da guerra”. Disponível em: https://dbpedia.org/page/Status_quo Acesso em: 15 mai. 2023.

5 A Enciclopédia do Holocausto é uma enciclopédia online, publicada pelo Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, que oferece informações detalhadas sobre o Holocausto. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/auschwitz-1>. Acesso em: 28 jan. 2023.

batizados, levaremos até a morte essa marca tatuada no braço esquerdo” (LEVI, [1947] 1988, p. 33). Essa marcação através da tatuagem usada para registrá-lo como *häftling* (prisioneiro em alemão), fazia parte do extermínio sistemático e genocida orquestrado por Hitler. Ao pensarmos nos efeitos de sentido, nos deparamos com a destituição simbólica da identidade do sujeito com a intenção de desumanizá-lo, tornando-o apenas mais um dos muitos prisioneiros nos campos de concentração. A marcação significava não apenas entre os SS (*Schutzstaffel* – Tropa de Proteção), mas também entre os demais prisioneiros, a numeração fazia parte da rotina e ainda hoje faz parte do simbólico do Holocausto, algo que apenas o tempo e a sobrevivência no Campo poderiam ensinar

Só bem mais tarde, pouco a pouco, alguns de nós aprenderam algo da macabra ciência dos números de Auschwitz, na qual se resumem as etapas da destruição do judaísmo europeu. Aos velhos do Campo, o número revela tudo: a época da entrada no Campo, o comboio com o qual se chegou e, conseqüentemente a nacionalidade. Todos tratarão com respeito os números entre 30 mil e 80 mil: sobraram apenas algumas centenas, assinalam os poucos sobreviventes dos guetos poloneses (LEVI, [1947] 1988, p. 34).

A marcação dos prisioneiros através de números significa e produz efeito de sentido de submissão de transformação dos judeus em menos do que animais. Para chegar a esses efeitos de sentidos é preciso pensar nas condições de produção referentes ao campo de concentração, que dão a ‘ver’ e a ‘compreender’ como antes da ‘solução final’, os nazistas praticaram a aniquilação total daqueles que eram considerados inimigos do regime nazista. Importa, também, colocar em suspenso o tratamento dado aos prisioneiros, relegando-os a muito ‘menos’ que homens. O processo de aniquilação e extermínio visava à desumanização dos prisioneiros e numerá-los significava destituí-los de sua individualidade, uma destituição simbólica de suas

identidades, uma destituição de quem um dia foram e a implementação do que viriam a ser, como parte de um quantitativo que seria, quando viável e útil para os campos, explorado como mão de obra escrava e em seguida assassinados.

Levi, ao ser marcado com o número 174.517, começaria sua luta pela sobrevivência e resistência no campo de concentração, começaria a testemunhar não só a sua, mas, a luta pela sobrevivência dos seus semelhantes, os muitos outros prisioneiros que, assim como ele, ali estavam. Agamben (2008, p. 26) argumenta sobre como Primo Levi é um tipo perfeito de testemunha, quando volta para casa, após ser libertado de Auschwitz, não cessa em contar para todos o que viveu.

A rotina do Campo fazia com que se aprendesse o que era necessário para a sobrevivência:

Era preciso nadar contra a correnteza, travar batalha a cada dia, a cada hora, contra o cansaço, a fome, o frio e a inércia resultantes disso; resistir aos inimigos e não ter pena dos rivais; aguçar o engenho, fortificar a paciência, acirrar a vontade. [...] A não ser por grandes golpes de sorte, era praticamente impossível sobreviver sem renunciar a nada de seu próprio mundo moral [...] (LEVI, [1947] 1988, p. 135-136).

A sobrevivência no lugar obrigava os prisioneiros a praticarem pequenos delitos, que fora do encarceramento (da tortura diária e do sofrimento constante) seriam considerados moralmente questionáveis. Porém, a luta pela sobrevivência fazia com que se abandonasse a moralidade presente fora dos campos de concentração. No discurso de Primo Levi, mesmo sendo um testemunho – algo que carrega em si a carga semântica do vivido – sendo trazido, exposto, transmitido pela linguagem, ainda há a possibilidade do imaginário se contrapor ao real.

No testemunho de Levi, o sujeito do discurso, ressoa a sua manifestação testemunhal, seu relato enquanto sobrevivente do Holocausto é

da ordem do vivido, da experiência humana, do real. Pela relação do simbólico com o real, a linguagem funciona contraditoriamente, de acordo com Venturini (2009, p. 122, grifos da autora).

[...] como o possível e o impossível de dizer; e, de um lado, a única possibilidade de o sujeito desnudar-se e constituir-se como tal e, de outro, a constatação de que a falta e a falha são constitutivas dele, pela impossibilidade de captar o real pela linguagem e de nada ser sem ela. O simbólico é a possibilidade da constituição e realiza-se com base em suas vertentes: vertente significativa do simbólico, que associa o simbólico ao real e representa a volta do real, e vertente sgnica do simbólico, associando-o ao imaginário. Essas duas vertentes permitem destacar o lugar do sujeito, representado no campo do simbólico como ‘entre significantes’. A definição da constituição do sujeito como entre significantes permite que ele (sujeito) se volte ao real e também ao imaginário, constituindo-se a partir deles.

Por mais fiel que seja o testemunho às memórias que ressoam pela filiação do sujeito e aos acontecimentos na História, há, ainda, a impossibilidade da captação e transmissão do real através da linguagem. O real associa-se ao imaginário que constitui o sujeito, conforme Pêcheux ([1975] 2014), fazendo com que o testemunho possibilite a constituição do simbólico como o lugar do “entre significantes”, entre o real e o imaginário. Assim, o sujeito ocupa o lugar entre significantes, no campo do imaginário; o sujeito se volta tanto para o real quanto para o imaginário. Primo Levi constitui-se como o sujeito discursivo, o qual ocupa aqui o lugar ‘entre significantes’; em seu discurso há a falta e falha, faltando a captação real pelo testemunho e faltando justamente por essa ausência do real na linguagem, pois a falha é constitutiva da linguagem, deixando vazão para o simbólico constituir as lacunas presentes no discurso testemunhal.

Considerações finais

Carlos Reiss (2018, p. 98) argumenta que, sendo propagado de forma consciente ou não, é comum ouvirmos que o Holocausto é, em sua essência, um fenômeno enigmático e inexplicável. A construção da memória coletiva universal da Shoá ocorreu em paralelo a esse enfoque ‘místico’ sobre suas razões e explicações, isso tanto nos testemunhos de sobreviventes quanto de historiadores e especialistas. O coordenador-geral do Museu do Holocausto de Curitiba resalta ainda que expressões como ‘irracional’, ‘inexplicável’, ‘misterioso’ e ‘incompreensível’ continuam sendo frequentemente usadas ao abordar as brutais e cruéis experiências das vítimas do regime nazista.

Por muito tempo o Holocausto foi visto dessa forma, como um fato inexplicável, mas, com o passar do tempo e estudos, os sujeitos compreenderam que se trata de um acontecimento que resulta de ações humanas, demandando a compreensão e o ensinar sobre o genocídio, constituindo-se como uma alerta para as gerações futuras. O acontecimento histórico deve ser compreendido e estudado, não apenas considerando números e datas, mas, considerando as vítimas e os testemunhos dos sobreviventes.

Auschwitz foi o maior complexo de campos de prisioneiros estabelecido pelos alemães. Ressaltamos mais uma vez que nesse complexo havia um campo de concentração, um de extermínio, e outro de trabalho escravo – Auschwitz: Auschwitz I, Auschwitz II (Birkenau) e Auschwitz III (Monowitz). Nove entre cada dez vítimas eram judias, resultando em mais de um milhão de mortos nesse complexo.

A sobrevivência no Campo fazia com que os prisioneiros aprendessem novas maneiras de se portar, ações que no encarceramento resultavam em uma forma de resistir à morte, até mesmo poupar energia se tornava uma forma de arte para a sobrevivência, com o tempo o prisioneiro aprendia a “arte de economizar tudo,

fôlego, movimentos, pensamentos até. [...] é melhor apanhar, porque de pancadas em geral não se morre, mas de esgotamento sim, e é uma morte feia, a gente só se dá conta quando é tarde demais” (LEVI, [1947] 1988, p. 194).

Levi e outros prisioneiros aprenderam uma nova forma de enxergar a rotina no Campo, vendo nos pequenos detalhes, detalhes cruciais e significativos como saber que estar mais para o final da fila significava que receberia mais alimento sólido em vez da parte mais líquida da sopa, pegar a parte que ficava mais ao fundo da panela significava mais energia para sobreviver. Esses e outros aprendizados ajudavam a prolongar a vida no Campo.

Primo Levi ocupa aqui a posição, a formação discursiva, de um judeu sobrevivente do Holocausto; um sobrevivente que expõe suas experiências, suas vivências não apenas como testemunha do que aconteceu a seus semelhantes, mas, como testemunha das próprias ações ao resistir e sobreviver às ações genocidas, que tinham como finalidade o extermínio dos judeus e dos demais sujeitos considerados inimigos dos ideais nazistas.

O discurso produzido pelo sujeito discursivo, interpelado pela formação discursiva na qual está inscrito, apresentará determinado efeito de sentido, isso devido à formação discursiva que atravessa o sujeito e o domina de forma inconsciente. Os sentidos de palavras, expressões não são estanques, mas sim produzidos a partir de um dado sujeito o qual é interpelado por uma formação discursiva, e em determinadas condições de produção. Os sentidos são, assim, produzidos a partir da relação das palavras, expressões ou proposições umas com as outras.

O testemunho de Levi apresenta e reconstrói acontecimentos a partir da memória como um sobrevivente; porém, trata-se de uma reconstrução incompleta. A história, algo presente nos testemunhos, da ordem do vivido, está relacionada aqui com o sujeito discursivo e o grupo social ao qual pertence, o de judeu sobrevivente do Holocausto. Na história ressoa a voz de to-

dos e ao mesmo tempo de ninguém; na memória, há a coletividade e enraizamento no que faz sentido para a formação social e dos grupos que se unem por laços identitários – a memória coletiva da Shoá, da qual Primo Levi faz parte.

Levi, o sujeito do discurso, um discurso testemunhal – como o quê carrega em si a carga semântica do vivido – mesmo sendo trazido, exposto, transmitido pela linguagem, ainda há a forma sobre como o imaginário se contrapõe ao real, e é nesse sentido, pensando nas condições de produção e nos efeitos de sentido, no qual nos deparamos com o efeito de realidade. Primo Levi, tomado pelo inconsciente, crê produzir em seu discurso a reconstituição do vivido, sendo apenas da ordem do imaginário, justamente pela impossibilidade de captar o real pela linguagem e de ‘nada ser sem ela’. O testemunho presente em *É isto um homem?* nos mostra o imaginário do homem que não deveria sobreviver, não poderia e não deveria resistir e testemunhar sobre o que viveu e presenciou, a voz dos mortos, a voz das muitas outras vítimas que não puderam ter sua história contada, essas vozes ecoam no imaginário discursivo de Primo Levi.

Referências:

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e testemunha*. São Paulo: Boitempo, 2008.

AUSCHWITZ: Enciclopédia do Holocausto. United States Holocaust Memorial Museum. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/auschwitz-1>. Acesso em: 28 jan. 2023.

GINZBURG, Jaime. Linguagem e trauma na escrita do testemunho. *Conexão Letras*, v. 3, n. 3, p. 61-66. 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/55604/33808> Acesso em: 28 jan. 2023.

GUTERMAN, Marcos. *Holocausto e memória*. São Paulo: Contexto, 2020, livro digital.

- KRÜMEL, Elivelton Assis. Entre a história e a memória: uma análise discursiva do documentário Sobreviventes do Holocausto. Dissertação de Mestrado PPGL da Universidade Federal de Santa Maria, sob a orientação de Verli Petri, 2019.
- LEVI, Primo. [1947]. É isto um homem?. Trad. Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988, 255 p.
- MILGRAM, Avraham; ROZETT, Robert. O Holocausto: as perguntas mais frequentes. Yad Vashem. Jerusalem, 2012, 63 p.
- OLIVEIRA, Alex Sander de; RADDE, Augusto. Condições de produção. In: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. (org.). Glossário dos termos do discurso. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020, p. 47-50.
- ORLANDI, Eni. Análise de Discurso: princípios & procedimentos. 12. ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.
- PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni P. (org) [et. al.]. Gestos de leitura: da história no discurso. Tradução: Bethânia S. C. Mariani [et. al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 1994, p.55-66.
- PÊCHEUX, Michel. [1975]. Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Trad. Eni Orlandi et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.
- PÊCHEUX, Michel. [1969]. Análise automática do discurso. Trad. Eni P. Orlandi e Greyciele Cintra. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019.
- PETRI, Verli. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da Análise de Discurso. In: PETRI, Verli; DIAS, Cristiane. Análise de Discurso em perspectiva: teoria, método e análise. Santa Maria, RS: Editora da UFSM, 2013, p. 39-48.
- REES, Laurence. O Holocausto: uma nova história. 1. ed. Trad. Luis Reyes Gil. São Paulo: Vestígio, 2018.
- REISS, Carlos. Luz Sobre o Caos: Educação e Memória do Holocausto. Curitiba, PR: Imprimatur, 2018.
- ROBIN, Régine. A memória saturada. Trad. Cristiane Dias e Greciely Costa. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2016.
- VENTURINI, Maria Cleci. Imaginário urbano: espaço de rememoração/comemoração. Passo Fundo, RS: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2009.
- Submissão: maio de 2023.**
- Aceite: maio de 2023.**